

A fauna da África e da Ásia descrita pelos viajantes cristãos entre os séculos XIII e XV

The fauna of Africa and Asia described by Christian travelers between the thirteenth and fifteenth centuries

Rafael Afonso Gonçalves

Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo: Durante os séculos XIII a XV, um número significativo de cristãos latinos se lançou em incursões para destinos muito além dos limites da cristandade, como a Índia, a China, a Mongólia e as costas da África. Para contar a seus conterrâneos o que haviam visto naquelas terras desconhecidas, muitos desses viandantes colocam por escrito suas memórias e impressões. Entre as diversas descrições presentes nesses relatos, chama a atenção o espaço reservado aos animais que habitavam aquelas terras – alguns até então incógnitos, outros já familiares. Esta nota visa apresentar algumas opções e desafios de pesquisa ainda em andamento, cujo objetivo principal é a catalogação das espécies mencionadas pelos viajantes. Entre as informações que se propõe a recolher, o catálogo procura saber qual era a variedade das espécies descritas, como eram denominadas e classificadas, em quais lugares eram comumente encontradas, quais suas principais características e seus comportamentos e como eram normalmente utilizadas.

Palavras-chave: História medieval. Animais. Viagens e viajantes. Meio ambiente. Oriente. África.

Abstract: During the thirteenth, fourteenth and fifteenth centuries, a considerable number of European Christians traveled to destinations far beyond the limits of Christianity, such as India, China, Mongolia and the African coasts. To tell their countrymen what they had seen in those unknown lands, many of these travelers wrote their memories and impressions. Among the many descriptions on these reports, the ones about the animals that inhabited those lands – some completely unknown, others familiar to them – draw attention. The aim of this brief research note is to present the main options and challenges of an ongoing research project, whose goal is to promote an accurate cataloging of the species mentioned by travelers. Among the data that will be collected, the catalog seeks to identify how those animals were named and classified, in what places they were commonly found, what were their main characteristics and behaviors and how they were used by natives.

Keywords: Medieval History. Animals. Travels and travelers. Environment. East. Africa.

GONÇALVES, R. A., 2019. A fauna da África e da Ásia descrita pelos viajantes cristãos entre os séculos XIII e XV. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais** 14(1): 119-126.

Autor para correspondência: Rafael Afonso Gonçalves. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Rua Tomás de Aquino, 900. Franca, SP, Brasil. CEP 14405-012 (goncalves.hist@gmail.com).

Recebido em 23/03/2018

Aprovado em 04/09/2018

Responsabilidade editorial: Fernando da Silva Carvalho Filho



INTRODUÇÃO

Em 1460, a frota comandada pelo capitão português Pedro de Sintra cruzou o cabo Mensurado, passando a navegar sobre águas até então totalmente desconhecidas. Quando ainda avançava para os mares do sul, ao percorrer a costa das terras que batizou de serra Leoa, ele notou a aproximação de uma pequena embarcação com um grupo de nativos, com quem entrou em contato. Nenhum dos tradutores presentes entre a tripulação conseguiu, porém, se comunicar com eles, o que levou o capitão a transportar um daqueles homens para Portugal. Tratava-se de um procedimento ordenado pela Coroa para angariar informações sobre as últimas terras avistadas pelos navegadores. Ao chegar em Lisboa, o africano foi conduzido a uma audiência com o rei, mas sua língua se mostrou novamente um enigma que nem mesmo os intérpretes da corte eram capazes de decifrar. Finalmente, foi encontrada uma ‘escrava’ que parecia compreender algumas das palavras balbuciadas por ele em um idioma estrangeiro aos dois. Reuniram-se os especialistas e o próprio rei, D. Afonso V, para indagar aquele homem sobre seu reino. Pedro de Sintra, também ali presente, contou para um célebre navegador italiano os resultados daquelas inquirições: “[...] o que o dito negro referiu a El-Rei por meio daquela mulher não se entendeu bem, exceto que entre outras coisas lhe afirmou acharem-se na sua terra unicórnios vivos” (Cadamosto, 1812, p. 69-70).

Se, por um lado, pode parecer duvidoso ter o nativo realmente relatado a existência desses animais em suas terras, por outro, é completamente plausível acreditar que o português se convenceu disso. Tal entendimento, sem dúvida, estava ligado à tentativa de encontrar algum sentido naquelas palavras estrangeiras pronunciadas pelo africano, mas, especialmente, às expectativas nutridas por aqueles europeus acerca do que encontrariam nas terras incógnitas que passavam a contatar.

Nesta breve exposição, serão apresentados os principais documentos, caminhos e propostas de uma pesquisa ainda em andamento cuja meta central é a catalogação das espécies mencionadas em relatos de viagem

à África e à Ásia, escritos por cristãos europeus entre os séculos XIII e XV. Produzidas séculos antes da constituição da ciência moderna, as descrições da fauna presentes nesses documentos medievais não obedecem a um sistema estável e universal de identificação, caracterização e classificação. Ainda que não compartilhem os mesmos critérios das disciplinas científicas contemporâneas, esses registros permitem saber como os animais, especialmente aqueles que viviam em outros continentes, eram conhecidos pelos círculos de saber da Europa. Nesse sentido, serão apresentadas aqui algumas interrogações possíveis de serem lançadas para esses registros históricos, que buscam esclarecer o que os viajantes europeus daquela época sabiam sobre os animais encontrados nos outros dois continentes então conhecidos.

ANIMAIS DE UM ‘OUTRO MUNDO’

Antes de Pedro de Sintra embarcar em direção às costas da África, um número significativo de viajantes latinos havia registrado a existência de uma variedade de animais nas terras percorridas por eles. Em meados do século XIV, quando chegou à província de Tanam, na costa leste da Índia, o franciscano Odorico de Pordenone notou naquele lugar a presença de “diversos tipos de animais, sobretudo leões negros, em grandíssima quantidade; há também macacos, gatos-mouriscos e corujas, que são grandes como aqui as pombas. Também há ratos, tão grandes quanto aqui os cachorros”, de tal modo, conta o frade, que “os cães pegam os ratos; nisso, os gatos para nada servem” (Pordenone, 2005, p. 290). Pouco tempo antes de Odorico, ao final do século XIII, um outro viajante, o célebre mercador veneziano Marco Polo havia conhecido uma diversidade semelhante de animais em paragens ainda mais distantes. Sob a guarda de Kublai-Khan, na capital chinesa do império mongol, afirma ele ter avistado “[...] muitos leopardos e lincos, que [o soberano] utiliza na caça ao veado [...]”, além de “[...] muitos leões babilônicos, de boa pele e formosa cor, com riscas longitudinais brancas, pretas e vermelhas, destinados a caçar javalis, búfalos e burros selvagens, e bem assim ursos, veados,

corços e outros quadrúpedes [...]” (Polo, 2000, p. 135). Por se tratar de um elemento da natureza, por seu valor econômico, por ser usado na alimentação, transporte e proteção, enfim, por variados motivos, os animais existentes nesses longínquos domínios tornaram-se um objeto frequentemente retratado por viajantes e cronistas.

Entre meados do século XIII e o final do século XV, as viagens empreendidas por cristãos latinos conheceram um vigoroso desenvolvimento, em um primeiro momento, pelos caminhos terrestres que davam acesso ao interior da Ásia e, posteriormente, por meio das rotas marítimas no Índico e no Atlântico. Apesar dos conflitos suscitados pelos ataques dos mongóis no leste da Europa, líderes cristãos não demoraram a enxergar, na extensão e na coesão adquiridas pelo império oriental, uma via aberta para a realização de acordos militares e mercantis, assim como para a conversão de almas para o cristianismo (Mollat, 1992; Richard, 1998). As partidas para o Oriente distante encontraram novos obstáculos com a autonomia adquirida pelos poderes locais em relação ao Cã de Catai, mas, algum tempo depois, ganharam novo e vigoroso fôlego, com o desenvolvimento das navegações pela costa da África. Quando ainda se discutia se as terras encontradas por Cristóvão Colombo eram as ilhas de Cipango mencionadas por Marco Polo ou lugares nunca antes vistos, Bartolomeu Dias já havia cruzado o cabo das Tormentas ou da Boa Esperança, tornando mais concretos os planos de chegar às Índias pelas vias náuticas. Nesses cerca de dois séculos e meio, cristãos de diferentes reinos da Europa puderam alcançar lugares como a Índia, a China e a África subsaariana, a respeito dos quais tinham pouca ou nenhuma notícia.

Nos relatos escritos ou ditados por esses viajantes, nota-se um persistente sentimento de estar diante não de um Novo Mundo, como viriam a anunciar os pioneiros a chegarem na América, mas sim de um ‘outro mundo’. É o que assevera, por exemplo, Guilherme de Rubruc, um franciscano enviado aos mongóis por Luís IX em meados do século XIII, ao dizer que transpor os territórios daqueles orientais lhe suscitou “[...] a certeza de ter entrado em outro

mundo [...]” (Rubruc, 2005, p. 120). A expressão, reveladora do modo como perceberam as diferenças daquelas terras longínquas, foi repetida por outros cristãos que, em longas expedições, muito se distanciaram de sua terra natal. Ao relatar sua passagem pela Índia, em meados do século XIV, o missionário dominicano Jordan Catala de Sévérac chegou a afirmar que “[...] todas as maravilhas estão nesta Índia, de modo que isso é verdadeiramente um outro mundo [...]” (Sévérac, 2005, p. 275). Foram esses os mesmos termos utilizados por Alvise Cadamosto, navegador que reivindicou para si o título de “[...] primeiro veneziano a navegar o mar Oceano para fora do estreito de Gibraltar [...]” (Cadamosto, 1812, p. 1). Partindo em uma expedição a serviço do infante D. Henrique, Cadamosto diz que, em comparação a todas as outras terras conhecidas por ele, aquelas “[...] outro mundo se poderiam chamar [...]” (Cadamosto, 1812, p. 1).

O desejo de conhecer os animais e suas diferenças, por certo, não foi a primeira razão a animar tantos homens a partirem em empreitadas dispendiosas, longas e repletas de toda sorte de perigos. Para a salvação da alma, a segurança e a expansão da cristandade, para fazer fortuna ou para cumprir outros objetivos, travessias como essas precisavam de argumentos persuasivos o suficiente para mobilizar grandes esforços. De todo modo, as circunstâncias que permitiram a efetivação dessas empresas colocaram os viajantes diante de variadas espécies, entre as quais algumas lhes eram totalmente desconhecidas. Nos relatos por eles escritos, os contornos desses bichos ganham forma em passagens concernentes ao trajeto percorrido, aos hábitos dos nativos e também em notas minuciosas acerca de certas espécies encontradas no caminho. As descrições dos animais conhecidos pelos viajantes encontram-se, assim, dispersas ao longo dos relatos, dando pistas sobre como os conquistadores reconheceram aquelas terras a partir de sua relação com o mundo natural.

O CATÁLOGO DE ESPÉCIES ANIMAIS

Os diversos registros legados pelos viajantes sobre esses animais e as formas como eram percebidos e utilizados



pelos povos conhecidos em suas andanças são objeto de análise de pesquisa, ainda em desenvolvimento, cujas opções e desafios serão aqui apresentados. Três conjuntos de problematizações conduzem estas investigações: primeiramente, interrogar o que conheciam desses bichos e qual a extensão do repertório de espécies citado. Desdobram-se daí não apenas perguntas sobre as características físicas da fauna, seu comportamento e sua variedade, mas também os modos utilizados para a classificar e a incluir dentro de uma ordem do saber. Em segundo lugar, interessa saber sobre a presença, o transporte e a comutação de espécies, visto que é possível detectar, nos escritos deixados por esses viajantes, indícios sobre sua dispersão em diferentes lugares conhecidos por eles. Além das migrações e de outros deslocamentos realizados pelos próprios animais, pode-se notar formas de transferência e de transmutação empreendidas pelos homens, principalmente por meio da captura, do comércio e da criação. O terceiro grupo de questões diz respeito às concepções socioculturais que intermediavam o contato e o modo como concebiam o mundo natural, tanto em relação aos povos encontrados pelo itinerário quanto aos próprios viajantes. Quais seriam os parâmetros religiosos ou legais, por exemplo, que regravam os diferentes usos a que os animais foram submetidos?

Tendo em horizonte tais problemáticas, foi iniciada a elaboração de um catálogo dos animais descritos nos relatos produzidos nos séculos XIII a XV, período caracterizado pela expansão das fronteiras conhecidas pelos cristãos latinos. A partir de um mapeamento sistemático, o catálogo visa tornar perceptível o modo como os homens daquela época identificaram e descreveram os animais, a partir das peculiaridades, predicados e utilidades que lhes foram atribuídos. Comparando e confrontando as afirmações legadas pelos relatos, é possível observar com mais rigor a variação e a recorrência dessa coleção de bichos, e a maneira como essas informações eram articuladas. Assim, por meio da serialização dos enunciados (Foucault, 2009), a versão final do catálogo permitirá avaliar formas partilhadas – assim como aquelas menos usuais – de

descrever e de agir sobre o mundo natural. As passagens concernentes à fauna estão sendo organizadas a partir das diferentes espécies citadas, para que, uma vez concluído o catálogo, cada entrada apresente, entre outros pontos relevantes, o vocabulário utilizado para denominá-las, os lugares onde foram frequentemente avistadas, quais eram suas características físicas e seu comportamento e, ainda, as funções que cumpriam junto aos povos conhecidos.

Para se ter uma ideia do repertório de espécies mencionado pelos viajantes, cabe pontuar alguns dados sobre a quantidade de bichos presente em alguns dos relatos abordados. Na obra “Itinerário”, escrita em meados do século XIII, Guilherme de Rubruc chega a citar cerca de trinta e cinco tipos de animais, sem contar os termos utilizados para designar gêneros das criaturas, como ‘ave’, ‘peixe’ ou ‘quadrúpede’ (Rubruc, 2005). Com a diversificação das rotas ao Oriente, e sobretudo pela inclusão da Índia e da China entre as paragens dos viajantes, pode-se notar, nos relatos escritos no século XIV, um crescimento significativo do número de espécies citadas. Jordan Catala de Sévérac, em um relato relativamente pequeno se comparado a outros escritos daquele tempo, chega a citar quarenta e cinco bichos diferentes (Sévérac, 2005). A diversidade de espécies ganhou ainda maior amplitude no livro de viagens de Marco Polo, que chega a citar cerca de oitenta e cinco espécies, entre animais de caça, feras selvagens, rebanhos, peixes e insetos (Polo, 2000). Destaca-se também o número de aves entre a fauna mencionada pelo veneziano: cerca de vinte e sete tipos diferentes. Já no relato deixado pelo citado Alvise Cadamosto, em que incluiu também a narração das viagens de Pedro de Sintra, é possível mapear por volta de quarenta animais diferentes (Cadamosto, 1812).

Essas primeiras especulações sobre a coleção de espécies aludida pelos viajantes dão pistas sobre a extensão de sua variedade, mas também apontam para a regularidade com que uma parte significativa delas é descrita nos relatos. Isto é, os viajantes dedicaram-se, em grande medida, a descrever os mesmos animais, dando subsídios para a definição de diferentes espécies e suas características. É

conhecido o 'unicórnio' descrito por Marco Polo, com um corpo "[...] semelhante ao do búfalo [...]", "[...] um chifre a meio do testuz [...]" em uma cabeça "[...] semelhante à do javali que curvam quando caminham [...]", enfim, um animal que nossos contemporâneos chamariam de rinoceronte. O viajante, no entanto, o define como unicórnio e não se furta a repreender aqueles que acreditavam se tratar de um animal que se deixa "[...] caçar por uma jovem virgem [...]", como "[...] lendariamente se crê na Europa [...]" (Polo, 2000, p. 241). Nesse sentido, sem deixar de indicar a correspondência entre as espécies citadas e aquelas que constam em nossos catálogos de zoologia contemporâneos, mas também sem estabelecer uma cisão entre real e fantasioso alheia à época em que viveram aqueles que as descrevem (Deluz, 2000), a pesquisa optou por esquadrihar os modos como os próprios viajantes descrevem e destacam as diferenças entre as espécies.

Tais critérios possibilitam também a melhor circunscrição de cada uma dessas entradas, visto que, sobre alguns animais, poucas informações nos foram legadas. Determinadas variedades de peixes são um exemplo disso, pois apenas algumas ganharam nos relatos descrições detalhadas, outras, ao contrário, são tratadas de forma genérica, o que nos obriga a incluir diferentes espécies citadas em uma única entrada, a dos 'peixes'. No caso dos cavalos, por exemplo, sobre os quais há uma grande quantidade de menções, é ainda preciso verificar se as características atribuídas a tipos específicos, como os cavalos mongóis, valeriam um subitem próprio, dado o destaque desse animal em diversos relatos.

De acordo com os primeiros levantamentos realizados, o catálogo constará de cerca de oitenta e cinco entradas diferentes, considerando também designações gerais e classificadoras, como quadrúpedes, aves, serpentes e vermes. Para as espécies que apresentarem maior interesse, a ideia é incluir um excerto de um dos relatos de viagem em que são descritas. Tendo em suas mãos a versão final do catálogo, o leitor encontrará, de maneira sistematizada, informações relevantes sobre as ocorrências nos relatos, as

características e os usos desses animais, ilustradas, quando convier, com as descrições dos próprios viajantes.

DOCUMENTOS E DIÁLOGOS

Para se ter uma ideia mais precisa do material abordado pelo catálogo e acerca de alguns dos domínios para os quais com ele pretendemos contribuir, vale a pena tratarmos, mesmo que brevemente, dos documentos selecionados e dos debates acadêmicos com que dialoga. Os documentos são constituídos essencialmente de relatos de viagem ao Oriente distante e à costa da África, produzidos entre meados do século XIII e o final do século XV. Escritos ou ditados por viajantes cristãos, esses textos versam sobre o itinerário, as gentes conhecidas, as coisas avistadas e também sobre os animais que povoavam aquelas terras. Nesse conjunto, incluem-se obras dedicadas a contar sequencialmente o trajeto percorrido, como o "Itinerário", de Guilherme de Rubruc (2005), ou o "Relatório", de Odorico de Pordenone (2005); alguns 'livros das maravilhas', título que dá nome à obra de Jordan de Catala de Sévérac (2005) e foi, posteriormente, atribuído ao relato de Marco Polo (2000); e também crônicas e histórias, como a escrita por João de Pian del Carpine (2005), a "História dos mongóis", e a "Crônica da Guiné", de Gomes Eanes Zurara (1973). Em primeira ou terceira pessoa, esses textos narram as experiências de cristãos latinos reconhecidos como testemunhas e fonte de informação sobre terras mais ou menos conhecidas. Levando em conta esse critério, foram também considerados, nessa seleção, textos que, apesar de terem sido elaborados a partir de compilações e das dúvidas a respeito da identidade e do efetivo deslocamento de seus autores, afirmam o caráter testemunhal de suas descrições e foram encarados por seus contemporâneos, pelos indícios trazidos como legítimos. É o caso, por exemplo, da narrativa de Jean de Mandeville, autor de quem pouco se sabe para além do que confessa em seu relato (Viagens..., 2007).

A seguir, dispomos uma lista com o título, o autor e o período aproximado de produção dos relatos abordados:

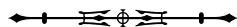


- “História dos mongóis”, de João de Pian del Carpine, de 1247 (Carpine, 2005);
- “História dos tártaros”, de Simon de Saint-Quentin, por volta de 1248 (Saint-Quentin, 2005);
- “Itinerário”, de Guilherme de Rubruc, de 1255 (Rubruc, 2005);
- “O livro de Marco Polo”, produzido por volta de 1298 (Polo, 2000);
- “Peregrinação na Terra Santa e no Oriente Médio”, de Riccold de Monte Croce, do início do século XIV (Monte Croce, 1997);
- “Descrição das maravilhas”, de Jordan Catala de Sévérac, escrito em 1330 (Sévérac, 2005);
- “Relatório”, de Odorico de Pordenone, escrito por volta de 1330 (Pordenone, 2005);
- “Crônica da Boêmia”, de Jean de Marignolli, finalizado em 1355 (Marignolli, 2009);
- “Viagens”, de Jean de Mandeville, escrito por volta de 1356 (Viagens..., 2007);
- “História do grande Tãmorlan”, de Ruy González de Clavijo, produzido em 1406 (Clavijo, 1999);
- “A viagem às Índias”, de Niccolo de Conti, escrito em 1444 (Bracciolini, 2004);
- “Crônica da Guiné”, de Eanes Gomes de Zurara, datado de 1453 (Zurara, 1973);
- “Andanças e viagens...”, de Pero Tafur, escrito entre 1453 e 1454 (Tafur, 1995);
- “Navegações”, de Alvise Cadamosto, incluindo os ditos de Pedro Sintra, escrito na década de 1460 (Cadamosto, 1812);
- “Descobrimiento primeiro da Guiné”, de Diogo Gomes de Sintra, após 1484 (Sintra, 2002);
- “Canárias...”, de Jean de Bèthencourt, de 1490 (Bèthencourt, 1874);
- “Relação do Reino do Congo”, de Rui de Pina, escrito em 1492 (Pina, 1992).

Em linhas gerais, esses textos reportam as viagens de missionários, representantes eclesiásticos ou da nobreza, mercadores ou navegadores subordinados à autoridade

de reis da cristandade ou da Sé apostólica. Seus autores, no intuito de contar aos conterrâneos como eram e o que havia naquelas terras distantes, procuraram dar a conhecer, entre outros assuntos, os animais avistados ou aqueles sobre os quais apenas haviam ouvido falar. Para descrevê-los, eram mobilizadas qualidades, classificações e conceitos que denotam a maneira como eles enquadravam as diferentes espécies no plano da Criação. E mais: são afirmados ou reiterados códigos que regiam práticas às quais esses animais eram submetidos, dando pistas sobre o modo como pensaram as possibilidades de ação do homem sobre o mundo natural.

As interrogações lançadas em relação a esses documentos surgiram da atenção e do interesse em relação a animais manifestado pelos viajantes e pelos homens de saber que viveram nos séculos XIII, XIV e XV, e pretendem elucidar práticas e ideias correntes naquela época. Não se pode afirmar, no entanto, que tais interrogações estejam descoladas de problemáticas de nosso tempo, que vem paulatinamente ganhando espaço nas pesquisas empreendidas no campo das ciências humanas. Embora seja possível identificar obras voltadas ao tema já nas primeiras décadas do século XX, notável renovação e diversificação das reflexões ocorreu a partir da década de 80 e, especialmente, da década de 90 do século XX, quando estudiosos de diferentes áreas e lugares voltaram sua atenção para a historicidade da relação entre os homens e o meio natural. A emergência do tema no domínio da história parece ter sido o resultado de discussões advindas de um ativismo que passou então a estender as bases do discurso ecológico e ambientalista para meios mais amplos da sociedade, abrangendo também as universidades. Tendo a ‘questão animal’ e o ‘problema do meio ambiente’ firmado sua relevância para o debate político, econômico e social contemporâneo, tornaram-se cada vez mais frequentes, no meio historiográfico inclusive, pesquisas preocupadas em lançar luz sobre o modo como o Ocidente tratou essas questões ao longo do tempo.



A configuração tomada pelo cristianismo durante o período medieval foi logo de saída apontada como um dos fatores que explicariam o modo pelo qual os animais e o meio ambiente foram utilizados. Essa é a conclusão apresentada por Lynn White, então professor da Universidade da Califórnia, em um artigo publicado no ano de 1967. Em “The historical roots of our ecologic crisis”, White (1967) argumenta que a maneira pela qual os medievais passaram a entender o lugar da espécie humana na hierarquia da criação está na origem da forma como o meio ambiente foi tratado e explorado no Ocidente, o que teria levado o mundo ao que ele chamou de ‘crise ecológica’.

Embora ainda embrionárias, as interpretações de White (1967) – e de outros autores que passavam a tratar do assunto naquela época – abriram espaço para o desenvolvimento de pesquisas de maior fôlego, cujos resultados colocaram no centro das discussões os processos históricos que explicam o modo como lidamos com os animais e o meio ambiente. Outras obras, principalmente ao longo da década de 70 e 80, retomaram o artigo do professor americano para especificar, matizar ou discordar de suas ideias. As críticas, de modo geral, incidem sobre o continuísmo presente em suas análises, enfatizando que processos como o da industrialização teriam um peso muito maior nas atitudes tomadas no Ocidente diante da natureza, ou até mesmo recordando que outras religiões não ocidentais davam aval semelhantes aos seus fiéis para explorar o mundo natural (Thomas, 2010, p. 29-32). Endossando ou criticando trabalhos como esse, o predomínio do homem e os modos para se legitimar sua ação sobre o mundo natural tornaram-se temas relevantes para o debate acadêmico.

Além desse, outro debate para o qual o catálogo em elaboração pretende contribuir é o que diz respeito ao papel do homem para a alteração ou a manutenção dos ambientes naturais. Aqui, o interesse recai, sobretudo, sobre as trocas, os usos e o transporte de animais entre os lugares conhecidos pelos viajantes. As viagens intercontinentais ocorridas durante os séculos XIII, XIV e

XV abrem as portas para a comunicação entre lugares que até então não possuíam nenhum contato entre si e que, cada vez mais, conectaram-se por meio do comércio e do envio de missionários. Perspectivas sobre esse processo podem ser encontradas em obras publicadas por nomes já reconhecidos nos meios universitários, como é o caso do autor estadunidense Alfred W. Crosby. Ele abordou o tema ainda em 1972, em sua obra intitulada “The Columbian exchange: biological and cultural consequences of 1492”. Nesse trabalho, Crosby (1972) procurava detectar as alterações provocadas pela introdução de plantas e de animais de origem europeia em solo americano, incluindo aí os parasitas trazidos com eles. Além disso, ele colocava em relevo a ‘guerra bacteriológica’ suscitada pelo encontro entre europeus e indígenas após as empresas comandadas por Cristóvão Colombo. O tema foi retomado, mas a partir de um arco temporal ampliado, em seu célebre “Ecological imperialism: the biological expansion of Europe, 900-1900”, de 1986, mas só publicado no Brasil em 1993 (Crosby, 1993). A obra deixa explícito um pressuposto que se tornava cada vez mais evidente para os estudiosos da época: uma sociedade não é formada apenas por inter-relações e trocas entre homens, mas também pela associação entre o homem e outras espécies. Desse modo, a sociedade é entendida, ela própria, como uma construção ecológica, postulado que leva ao questionamento quanto à relação entre a expansão europeia e a migração de espécies e culturas comuns na Europa para outros lugares. Percebe-se, na obra de Crosby (1993), assim como em outras publicações dadas a lume a partir de então, que o elemento ecológico se tornou alvo dos problemas históricos levantados para explicar de que forma foi possível aos europeus se lançarem a outros e novos mundos.

Ao lançar luz sobre a variedade de bichos descrita nos relatos de viagem, o catálogo em elaboração pretende trazer novas informações acerca da relação entre a ampliação das fronteiras conhecidas e a variedade e a extensão do conhecimento daqueles homens sobre o mundo natural. Em suma, ao organizar e sistematizar

as descrições da fauna contidas nos relatos de viagem, a pesquisa tem o potencial de ampliar o que sabemos tanto sobre o tratamento e a localização quanto acerca da valoração dos animais produzidos naquela época; caminho para interrogar as percepções, os saberes e os valores que mediaram a relação entre o homem e o mundo natural.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (processo 2017/12152-0), pelo apoio concedido a esta pesquisa. Este trabalho também contou com auxílio do grupo de estudos “Escritos sobre os Novos Mundos: uma história da construção de valores morais em língua portuguesa”, financiado também pela FAPESP.

REFERÊNCIAS

BÈTHENCOURT, J., 1874. **Le Canarien**: histoire de la première découverte et conquête des Canaries Rouen. Charles Métérie, Paris.

BRACCIOLINI, P., 2004. **De L'Inde**. Les voyages en Asie de Niccolò de' Conti. Texte établi, traduit et commenté par Michèle Guéret-Laferté. Brepols, Turnhout.

CADAMOSTO, L., 1812. **Navegações**. Academia Real das Sciencias, Lisboa.

CARPINE, J. P., 2005. História dos mongóis. In: J. P. CARPINE, J. MONTECORVINO, G. RUBRUC, O. PORDENONE, I. SILVEIRA & A. E. PINTARELLI (Ed.): **Crônicas de viagem**: franciscanos no extremo oriente antes de Marco Polo (1245-1330): 29-104. EDIPUCRS/EDUSF, Porto Alegre.

CLAVIJO, R. G., 1999. **Embajada a Tamorlán**. Edição, introducción y notas de Francisco López Estrada. Clásicos Castalia, Madrid.

CROSBY, A., 1972. **The Columbian exchange**: biological and cultural consequences of 1492. Greenwood, Westport.

CROSBY, A., 1993. **Imperialismo ecológico**. A expansão biológica da Europa: 900-1900. Companhia das Letras, São Paulo.

DELUZ, C., 2000. **Le livre de merveilles du monde**. CNRS, Paris.

FOUCAULT, M., 2009. **A arqueologia do saber**. Forense Universitária, Rio de Janeiro.

MARIGNOLLI, J., 2009. **Au jardin d'Éden**. Traduit du latin, présenté et annoté par Christine Gadrat. Anacharis Ed., Toulouse.

MOLLAT, M., 1992. **Les explorateurs du XIIIe au XVIe siècle**. Premiers regards sur des mondes nouveaux. Editions du C.T.H.S., Paris.

MONTE CROCE, R., 1997. **Pérégrination en Terre Sante et au Proche-Orient**. Texte latin et traduction par René Kappler. Honoré Champion Ed., Paris.

PINA, R., 1992. Relação do Reino do Congo. In: C. RADULET (Ed.): **O cronista Rui de Pina e a relação do Reino do Congo**: 96-133. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Lisboa.

POLO, M., 2000. **O livro de Marco Polo**. Ed. Colares, Sintra.

PORDENONE, O., 2005. Relatório. In: J. P. CARPINE, J. MONTECORVINO, G. RUBRUC, O. PORDENONE, I. SILVEIRA & A. E. PINTARELLI (Ed.): **Crônicas de viagem**: franciscanos no extremo oriente antes de Marco Polo (1245-1330): 269-336. EDIPUCRS/EDUSF, Porto Alegre.

RICHARD, J., 1998. **La papauté et les missions d'Orient au moyen âge (XIIIe-XVe siècles)**. École Française de Rome (Collection de l'École Française de Rome 33), Rome.

RUBRUC, G., 2005. Itinerário. In: J. P. CARPINE, J. MONTECORVINO, G. RUBRUC, O. PORDENONE, I. SILVEIRA & A. E. PINTARELLI (Ed.): **Crônicas de viagem**: franciscanos no extremo oriente antes de Marco Polo (1245-1330): 107-243. EDIPUCRS/EDUSF, Porto Alegre.

SAINT-QUENTIN, S., 2005. Histoire des tartares. In: J. RICHARD. **Au-delà de la perse et de l'Arménie**: l'Orient latin et la découverte de l'Asie intérieure: quelques textes inégalement connus aux origines de l'alliance entre Francs et Mongols, 1145-1262. Brepols, Turnhout.

SÉVÉRAC, J. C., 2005. Les Mirabilia descripta. In: C. GADRAT (Ed.): **Une image de l'orient au XIVème siècle**: les Mirabilia descripta de Jordan Catala de Sévérac: 243-295. École des Chartes, Paris.

SINTRA, D. G., 2002. **Descobrimento primeiro da Guiné**. Ed. crítica de A. A. Nascimento. Edições Colibri, Lisboa.

TAFUR, P., 1995. **Andanzas y viajes de un hidalgo español**. Polífermo, Madrid.

THOMAS, K., 2010. **O homem e o mundo natural**. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais. Companhia das Letras, São Paulo.

VIAGENS de Jean de Mandeville, 2007. Tradução, introdução e notas de Susani Lemos França. Edusc, Bauru.

WHITE, L., 1967. The historical roots of our ecologic crisis. **Science** 155(3767): 1203-1207. DOI: <http://dx.doi.org/10.1126/science.155.3767.1203>.

ZURARA, G. E., 1973. **Crônica da Guiné**. Introdução, novas anotações e glossário de José de Bragança. Livraria Civilização, Lisboa.

